

O SERTÃO, A VIDA E AS FIGURAS DE UMA CERTA RELIGIOSIDADE POPULAR EM DELMIRO GOUVEIA –AL

Sergiana Vieira dos Santos¹

Professora substituta do curso de História, UFAL

Mestra em Antropologia Social, UFAL

E-mail: serg_santos49@ymail.com

Resumo:

O presente trabalho traz uma pequena análise sobre o *modus vivendi* de mulheres e homens do sertão de Alagoas. Uma discussão que envolve um pouco da história de formação dos sertões sob o ponto de vista antropológico, histórico e jornalístico de figuras consideradas de referência quanto às questões que envolvem a formação dessa parte do Estado de Alagoas. “As figuras de uma certa religiosidade popular” são as rezadeiras e o rezador, interlocutores deste artigo que é parte da minha dissertação de mestrado, e que contribuem de forma veemente para reforçar uma religiosidade de expressão popular através de suas práticas tradicionais de cura e que revelam uma resistência diante de mudanças cotidianas nas formas de pensar e agir dessa cidade do sertão alagoano.

Palavras-chave: Rezadeiras; Sertão; Delmiro Gouveia; História.

EL SERTÃO, LA VIDA Y LAS FIGURAS DE UNA CIERTA RELIGIOSIDAD POPULAR EN DELMIRO GOUVEIA – AL

Sergiana Vieira dos Santos

Professora substituta do curso de História, UFAL

Mestra em Antropologia Social, UFAL

E-mail: serg_santos49@ymail.com

Resumen:

El presente trabajo trae una pequeña análisis sobre el *modus vivendi* de mujeres y hombres del sertão de Alagoas. Una discusión que involucra un poco de la historia de formación de los sertões desde el punto de vista histórico, antropológico y periodístico de figuras consideradas de referencia en cuanto a las cuestiones que involucran la formación de esa parte del Estado de Alagoas. “Las figuras de una cierta religiosidad popular” son las curanderas y el curador, interlocutores de este artículo que es parte de la mia disertación de maestria, y que contribuyen de forma vehemente para reforzar su religiosidad de expresión popular a través de sus prácticas tradicionales de curación y que revelan una resistencia ante cambios cotidianos en las formas de pensar y actuar de esa ciudad del sertão alagoano.

Palabras clave: Curanderas; Sertão; Delmiro Gouveia; Historia.

Introdução²

Após séculos “sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitando delas, mas contentando-se de andá-las arranhando ao longo do mar como caranguejos” (SALVADOR, 2010), a Corte portuguesa através dos seus donatários, utilizando-se de decretos e acordos passou a doar terras aos sesmeiros¹ que demonstrassem condições para aproveitá-las. Sua vastidão e em algumas regiões, como no caso do sertão alagoano, sua proximidade com o rio São Francisco, estimulou e passou a promover a partir do plantio da cana de açúcar, da formação dos engenhos e da criação de gado bovino, a política de povoamento do interior da América Portuguesa. Segundo Darcy Ribeiro:

O gado devia ser comprado, mas as terras, pertencendo nominalmente à Coroa, eram concedidas gratuitamente em sesmarias aos que se fizessem merecedores do favor real. [...] Através desse sistema, antes que o gado atingisse qualquer terra, era ela acaparada legalmente pela apropriação em sesmaria. Como os currais só se podiam instalar junto às raras aguadas permanentes e não muito longe dos barreiros naturais onde o gado satisfazia sua fome de sal e em virtude da qualidade paupérrima dos pastos naturais, essas sesmarias se fizeram imensas. Cada uma delas com seus currais, por vezes distanciados dias de viagem uns dos outros, entregues aos vaqueiros (RIBEIRO, 1995, p. 341).

Para o antropólogo Darcy Ribeiro (1995), o principal responsável pelo desbravamento do interior do Brasil, enquanto América Portuguesa, foi a criação de gado. Esse tipo de atividade requeria espaços maiores e desenvolveu uma forma de convivência com uma região até então considerada isolada dos grandes centros, tanto pela questão geográfica quanto pela questão de acesso a bens e serviços.

Dessa convivência árdua com a paisagem e o clima semiárido, dedicados ao cuidado com o gado e com a produção de seus derivados surge o vaqueiro, além dos grandes coronéis que representavam as oligarquias pernambucanas e, posteriormente, alagoanas e que marcaram a história oficial do surgimento do sertão alagoano. É ele quem aparece na obra *Vidas Secas* (2003), do alagoano Graciliano Ramos, no personagem de Fabiano, vaqueiro, pai de família que foge com os seus da tão temida seca. Segundo Ramos,

Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (RAMOS, 2003, p. 7).

¹ Sesmeiro é o encarregado de distribuir as sesmarias. Aquele que recebeu uma sesmaria para cultivar. Disponível em: <www.dicio.com.br/sesmeiro/>. Acesso em: 20 de julho 2017.

São eles que aparecem em *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1902), como figuras que seguiam o beato Antônio Conselheiro e que sobre a alcunha de sertanejo é analisado pelo autor desse clássico da literatura brasileira como “antes de tudo um forte”. Um forte que com sua armadura de couro corre atrás do gado no mato, na maioria do ano seco, e que com sua devoção aos santos populares pede cura para a sua criação e chuva para abrandar a terra quente. De acordo com Cunha,

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. É o homem permanentemente fatigado (CUNHA, 1984, p. 81).

A representação que os escritores Graciliano Ramos e Euclides da Cunha fazem do sertanejo revela aspectos de uma relação direta com a paisagem local: a seca que perdura na maior parte do ano, o gado que adoece e morre pela falta de pasto e água e suas influências com base no catolicismo popular. Para Ribeiro,

Por vezes, resulta dessas concentrações – como ocorreu no Juazeiro do padre Cícero – o aliciamento de sertanejos para trabalhar anos a fio, gratuitamente, nas fazendas de parentes do milagreiro. Frequentemente, porém, assumiam feições mais trágicas, como nos episódios provocados por Antônio Conselheiro em fins do século passado [séc. XIX]. Em torno desse taumaturgo, que combinava à paixão de profeta talentos de reformador social, concentrara-se em Canudos, no alto sertão são-franciscano, uma vasta população sertaneja incandescida pelo seu misticismo. Os fazendeiros vizinhos viram imediatamente o caráter intrinsecamente subversivo daqueles rezadores. O que estava atrás daquele surto de religiosidade bíblica era o abandono das fazendas pela mão-de-obra que as servia e que resultaria, fatalmente, na divisão das terras se o mal não fosse erradicado (RIBEIRO, 1995, p. 357-358).

Diferente do sertão de Antônio Conselheiro, no interior do Estado da Bahia e do sertão de padre Cícero e padre Ibiapina - ausente de conflitos diretos, mas cheio de práticas como as de Conselheiro - no interior do Ceará, o sertão alagoano em sua formação histórica não registra revoltas populares baseadas no fenômeno do messianismo. O que encontramos em seus registros são fatos que reforçam o aspecto violento da formação desse Estado a partir de ações que dizimaram populações indígenas inteiras. A resistência aos desmandos da civilização foi marcada por batalhas que envolveram o genocídio e a escravidão de povos indígenas, como o

massacre dos índios Caetés e de negros quilombolas, como o episódio do Quilombo dos Palmares. Na visão de Ribeiro,

O sertanejo arcaico caracteriza-se por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por seu carrancismo de hábitos, por seu laconismo e rusticidade, por sua predisposição ao sacrifício e à violência. E, ainda, pelas qualidades morais características das formações pastoris do mundo inteiro, como o culto da honra pessoal, o brio e a fidelidade a suas chefaturas. Esses traços peculiares ensejaram muitas vezes o desenvolvimento de **formas anômicas de conduta** que envolveram enormes multidões, criando problemas sociais da maior gravidade. **Suas duas formas principais de expressão foram o cangaço e o fanatismo religioso**, desencadeados ambos pelas condições de penúria que suporta o sertanejo, mas conformadas pelas singularidades do seu mundo cultural. (RIBEIRO, 1995, p. 355, grifos nossos).

A origem do sertão está relacionada, como dito anteriormente, à distância dos grandes centros que foram se formando no litoral brasileiro e a partir do seu desbravamento com a criação da pecuária. Essas dificuldades de acesso somadas aos mitos que envolveram o desbravamento do interior da América Portuguesa resultaram, em algumas análises, em um pensamento reducionista que designa os sertanejos como sujeitos com costumes arcaicos. Some-se a isso as questões relacionadas aos padrões estéticos, ao “caráter rijo de suas feições” e “a fealdade típica dos fracos”, deixando, em algumas situações, de considerar a identidade social e a contribuição cultural do povo sertanejo na formação histórica e social do Brasil.

É nesse contexto, cercado por expressões da religiosidade popular, baseado em crenças messiânicas como afirma o antropólogo Darcy Ribeiro, que surgem os grandes milagreiros que arrebanham milhares de pessoas distribuindo esperança de dias sem seca e sem fome. Figuras como o padre Cícero e frei Damião representam, ainda hoje, para o povo sertanejo, a certeza da cura de enfermidades e da realização de milagres. Quando essa região é acometida por grandes períodos de estiagem são a eles que os devotos, mulheres e homens rezadores recorrem em suas promessas e clamores, como intercessores ou responsáveis diretos nos processos de tratamento e cura.

Os beatos Madrinha Dodô e Pedro Batista, que apesar de terem vivido no Estado da Bahia, na cidade de Santa Brígida, são naturais de Alagoas, construíram sua imagem através das pregações, dos bons conselhos e por curar e libertar as pessoas dos maus espíritos. Suas práticas atraem fiéis às suas romarias todos os anos, apesar do falecimento de ambos, respectivamente em 1998 e 1967. São os romeiros de madrinha Dodô e de Pedro Batista. De forma superficial, não se percebe uma concorrência nesse ajuntamento de romeiros, mas uma forma de ritual de

preparação que antecede a grande romaria que acontece em Juazeiro do Norte, Ceará, todos os anos.

A cidade-santuário (ZALUAR, 1983), pode ser considerada uma Meca nordestina onde romeiros, com suas devoções, pelo menos uma vez na vida precisam entregar pedidos, agradecer graças alcançadas e fazer suas promessas aos pés da estátua do padre Cícero Romão Batista. Espaços de religiosidade popular que representam, como afirma Rosendahl (2003, p. 215), “um lugar, um itinerário que, por razões religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Mais uma vez é preciso fazer referência à distância do sertão com relação aos centros urbanos para inferir que a ausência da Igreja como mantenedora da ordem e de instituição que deveria auxiliar os pobres foi a grande propulsora desse catolicismo específico propenso ao messianismo. Distante do contexto urbano, a população sertaneja carecia de alento para acreditar na existência de um lugar melhor ou da transformação do próprio sertão, a partir das bênçãos trazidas pelas chuvas, neste lugar melhor. Esse messianismo presente na passagem de Antônio Conselheiro por Canudos e que hoje é ressignificado nas romarias a Juazeiro do Padre Cícero necessitou da intervenção da hierarquia da Igreja Católica para reverter os potenciais subversivos e suas manifestações em uma concepção de sagrado. Para Cunha,

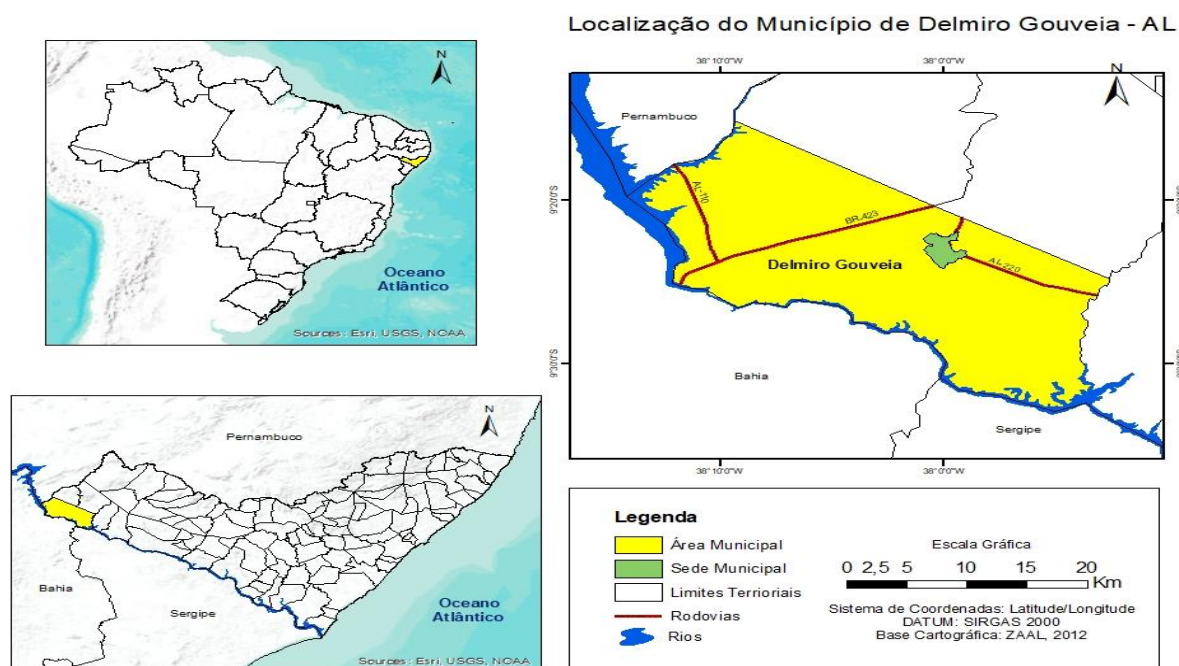
O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de má luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos à altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobreçando os santos milagreiros, cruzeiros alçados, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos, que se agrupam sobre as fundagens das ipueiras, ou ao longe, em grupos erradios e lentos, pescoços dobrados, acoroados com o chão, em mugidos prantivos “farejando a água”; - e sem que lhe amorteça a crença, sem duvidar da Providência que o esmaga murmurando às mesmas horas as preces costumeiras apresta-se ao sacrifício (CUNHA, 2003, p. 93-94).

É assim que Euclides da Cunha define e constrói a imagem do sertanejo, nesse dilema diário com a terra seca e com a falta de provisões, mas com uma fé inabalável, considerada, por muitos, alienada e alienante.

A partir da ação racional e da dominação carismática de Max Weber (1982), exercidas por Antônio Conselheiro, Padre Cícero, frei Damião e, mais recentemente, pelos beatos Madrinha Dodô e Pedro Batista, já citados, é possível perceber como a devoção desses sertanejos estabeleceu relações de poder em todos esses processos históricos, pois seja na procissão, na novena ou na construção de arraiais é a legitimação dada a esses “chefes” e seus atributos carismáticos que construíram e que conseguem perpetuar essa devoção nos dias atuais.

Delmiro Gouveia, sertão alagoano

Mapa 1. Localização do município de Delmiro Gouveia, 2017.



Elaboração: SANTOS, Flávio (2018).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE,² a última estimativa populacional da cidade de Delmiro Gouveia, feita em 2010, aponta uma população de 52 mil

² Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=270240&idtema=130>>. Acesso em: 23 de julho de 2017.

pessoas. Dessas, 20.367 pessoas são do sexo feminino e afirmaram ser de religião católica³. Entre os homens, 18.779 também se declararam pertencer a essa religião.

O motivo pelo qual trago esses dados, apenas dos que se declaram católicos apostólicos romanos, é que os devotos de padre Cícero Romão e de frei Damião - consideradas as representações máximas do catolicismo popular por essas bandas do sertão - coincidem justamente com o observado na maioria nos questionários aplicados para essa pesquisa, nos quais os entrevistados também se declararam católicos e devotos dessas duas lideranças religiosas e políticas emblemáticas da fé do povo sertanejo. Segundo Malvezzi,

No “mapa da fé”, chama a atenção que o Semiárido é das regiões mais resistentes no catolicismo, mesmo em uma época em que se expandem as demais igrejas, principalmente as pentecostais. Pode-se buscar múltiplas explicações e, sem dúvida, uma só não basta. Aqui é menor a influência dos meios de comunicação, e a desagregação social não é intensa como nas favelas das grandes cidades. Além disso, não há como negar que o Semiárido tem um catolicismo popular historicamente arraigado, construído pela influência de homens como Ibiapina, padre Cícero e Antônio Conselheiro. Cada um deles tinha os seus “beatos”, que circulavam pelo sertão anunciando um catolicismo com raízes culturais locais, cuidando dos cemitérios, das aguadas, da construção de igrejas, dos órfãos, dos flagelados (MALVEZZI, 2007, p. 21-22).

A relação da Vila da Pedra⁴ - que originou a atual cidade de Delmiro Gouveia no interior de Alagoas, onde foi realizada essa pesquisa - com as manifestações da religiosidade popular ainda é pouco pesquisada. Sabe-se apenas que dois anos após a morte de Delmiro Gouveia, fundador que dá nome à cidade, é que se constrói a igreja da vila, em 1918, a pedido da esposa do engenheiro italiano Lionel Iona,⁵ ainda assim os registros documentais dão conta de expressões religiosas pautadas no catolicismo oficial.

Em 1927, uma década após a morte de Delmiro Gouveia, a Companhia Agro-Fábrica Mercantil se utiliza da imagem do líder religioso cearense, explorando a figura do padre Cícero como

³ Os dados do IBGE apontam a existências de outras religiões em Delmiro Gouveia, no entanto, ao discutir neste trabalho o “dom” das rezadeiras e rezadores dentro de uma perspectiva do catolicismo popular, optamos por apontar os dados apenas da religião católica.

⁴ “Pedra era o nome do povoado que mais tarde se tornaria Delmiro Gouveia. O nome se deu pela existência de uma grande quantidade de rochas em todo seu entorno. Apenas em 12 de fevereiro de 1954, a Vila da Pedra é emancipada da cidade de Água Branca e recebe o nome de Delmiro Gouveia em homenagem ao pioneiro do desenvolvimento industrial no Nordeste” (NASCIMENTO, 2014).

⁵ Foi braço direito de Delmiro Gouveia. Era italiano casado com uma pernambucana. Moradores mais antigos e ex-funcionários da Agro Fábrica Mercantil diziam que a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi um pedido de sua esposa Marieta. A construção deu-se em 1919, dois anos após o assassinato de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia o que chama a atenção de que até 1917 não havia igrejas construídas na Vila da Pedra.

forma de aumentar as vendas. Segundo Maynard, “E o sertão deserto começou a florescer (2008, p. 81).

Sabe-se que Delmiro Gouveia era conhecido como “um apóstolo da religião da limpeza” como afirma Lima *apud* Maynard (2008, p. 50), o que nos faz inferir que nesse sertão não eram beatos e romeiros que pregavam as boas novas a partir de um ajuntamento de pessoas pobres, famintas e castigadas pela seca. O conselheiro nessas bandas levantava a bandeira do trabalho, da ordem e da limpeza como podemos observar nesse excerto de um artigo publicado em 1924, na **Revista da Semana**:⁶

O regimen da Pedra é quasi dictatorial; mas é salutar. A fabrica de linha fez o povoado, deu-lhe a magnificência de hoje. Os operários têm sempre sobre as suas pessoas as vistas infatigáveis do patrão. O álcool não entra na Pedra polida: ficará, quando muito, fora da cerca de arame, a muralha daquele povoado sertanejo. As garças vôam, descuidosas, porque já comprehenderam que não as buscará a arma cruel do caçador. As leis sociaes são cumpridas: o patrão fiscaliza até a realização do casamento civil, não consentindo na só existência do acto religioso (TAVARES, 1924).

Não há referências de como surgem os primeiros rezadores em Delmiro Gouveia. Com a construção da estação de trem da Companhia Great Western, o fluxo de chegada de migrantes à procura de trabalho e moradia num sertão que florescia das pedras era intenso. Sabe-se que durante séculos essa região fora habitada por índios Cariri,⁷ e que, descendentes dos mesmos ali se firmaram. Outra forma que podemos inferir sobre o surgimento das rezadeiras e rezadores em Delmiro Gouveia é a partir da formação de um quilombo, com a fuga de uma escrava chamada Silivana, fugitiva da comitiva de D. Pedro II que estava em visita pelos cânions do rio São Francisco.

A narrativa da formação histórica desse povoado, denominado posteriormente de Cruz⁸, dá-se a partir da fuga da escrava Silivana e do seu esconderijo numa gruta às margens do São Francisco e que até os dias de hoje é local de visitação. No povoado Cruz vivem homens e mulheres, em sua maioria descendentes diretos de quilombolas e que se relacionaram entre si

⁶ Artigo publicado em 19 de abril de 1924 sobre a paisagem sertaneja na Pedra de Delmiro. Disponível em: <www.historiadealagoas.com.br/a-pedra-paisagem-alagoana.html>. Acessado em: 24 de julho de 2017.

⁷ Segundo Silva (2004), “Vai-te pra onde não canta galo, nem boi urra...” Diagnóstico, tratamento e cura entre os Kariri-Xocó. “Os Kariri são oriundos de um processo histórico de aldeamento missionário ocorrido entre o final do século XVII e começo do XVIII, onde se efetivou uma estratégia de junção de diferentes etnias indígenas. A fusão dos Kariri com os Xocó ocorreu por volta do final do século XIX, quando os Xocó foram expulsos de sua terra, localizada no município de Porto da Folha em Sergipe. Nesse contexto, foram acolhidos pelos Kariri de Porto Real do Colégio, em Alagoas.

⁸ SILVA, Wellington A. MARQUES, Juracy. Povoado Cruz – contribuições aos estudos dos Quilombos. Revista Gestão Acadêmica. Nova Esperança, v.1, n.2, p.147-160, 2014.

durante muitos anos. Lá também se encontram algumas rezadeiras que exercem essa prática como forma de ajudar pessoas e, em alguns casos, ajudar-se também, pois há um coletivo que acredita no poder de cura dessas rezadeiras e que a procuram para resolver problemas de saúde, entre outros, e recebem ajuda de quem se propõe a dar.



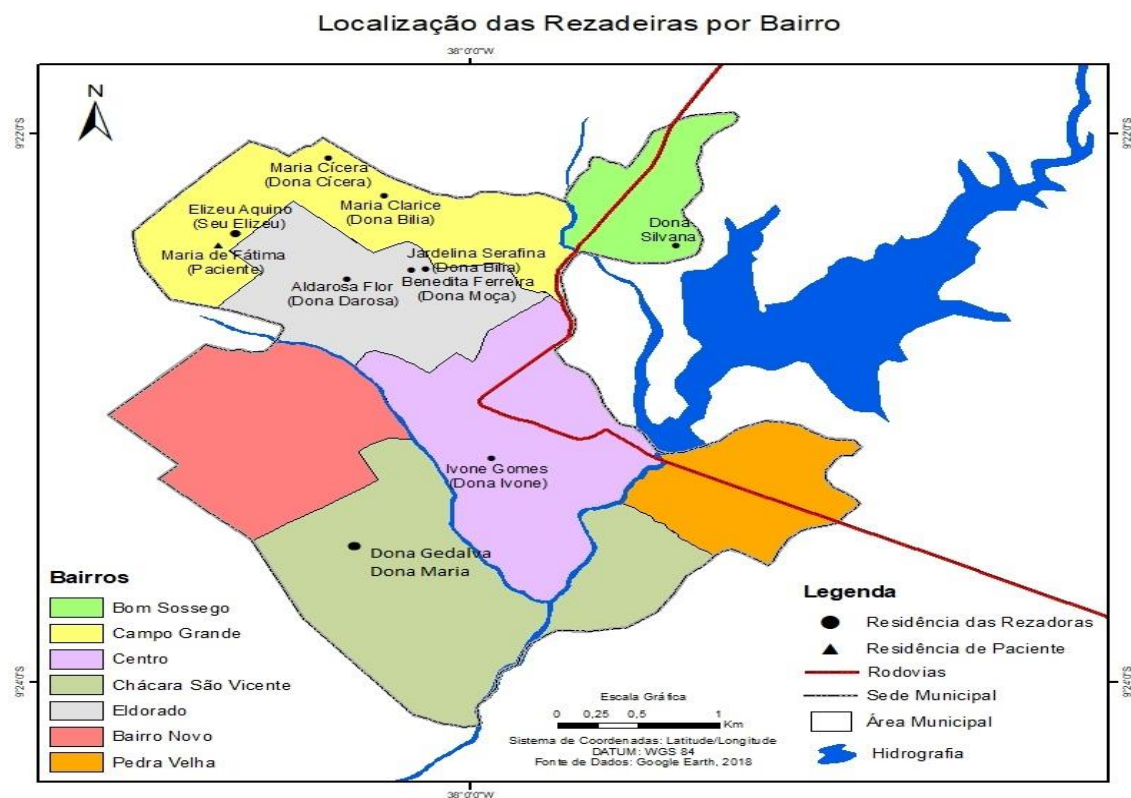
Fotos 1 e 2: Dona Gedalva e Dona Maria, rezadeiras do povoado Cruz. Delmiro Gouveia/AL. Acervo PAZ .2017.

A cidade de Delmiro Gouveia floresce a partir do plantio do algodão, da criação de gado e do plantio da palma forrageira para alimentar o gado bovino no período da estiagem. O algodão era utilizado na fabricação das linhas e, como forma de aumentar os lucros da Agro Fabril Mercantil, a empresa se utilizou da imagem de um dos maiores, se não o maior, representante do catolicismo popular nordestino, o Padre Cícero do Juazeiro, referenciado e reverenciado nas vozes dessas sertanejas e sertanejos, rezadeiras e rezadores, que encontramos no decorrer desta pesquisa.

O universo de rezadeiras e rezadores

Nos doze bairros que formam a cidade de Delmiro Gouveia foi possível localizar nove rezadeiras e um rezador. Abaixo segue o mapa com a distribuição das rezadeiras e rezador por bairro. É importante registrar que essa etnografia alcançou esse número quantitativamente pequeno, no entanto, a existência de mais rezadeiras/rezadores nesta cidade tem sido uma pergunta frequente, ao que afirmamos um número mais elevado.

Mapa 2 Distribuição dos/as rezadores/as por bairro. 2017.



Elaboração: SANTOS, Flávio (2018).

Essa abrangência, ainda que quantitativamente pequena, demonstra de forma espacial como a cidade está cercada por essas pessoas que, segundo Max Weber, são considerados “funcionários religiosos”, uma vez que as práticas de cura lhes confere a posição de uma “pessoa carismaticamente qualificada” para manipular elementos considerados mágicos. Ainda que a maioria se declare católica apostólica romana é uma interpretação *etic* (BATALHA, 1998), percebê-los como autoridades religiosas, ainda que não estejam vinculados diretamente a instituições católicas dentro da hierarquia dos chefes oficiais. Contudo, é como uma *communitas* que percebemos o meio em que as rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia se inserem. De acordo com Turner:

A “communitas” é um relacionamento não-estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos,

históricos, idiossincráticos. Esses indivíduos não estão segmentados em funções e "status", mas encaram-se como seres humanos totais (TURNER, 1974, p. 5).

A idade média dos rezadores está entre os 60 e os 90 anos de idade. E, apesar de alguns, como no caso de seu Elizeu, rezador do Bairro Área Verde, 74 anos, ter começado a rezar “muito novo”, observou-se com base nas Fichas de Identificação que a maioria começou a rezar já na fase adulta. No caso de dona Bília, rezadeira do Bairro Campo Grande, 61 anos, sua aprendizagem se deu ao ouvir sua avó rezando em outras pessoas. Com dona Darosa, a rezadeira mais velha que entrevistei, 90 anos, do Bairro Eldorado, sua aprendizagem se deu observando o tio rezar nas pessoas na cidade de Mata Grande-AL.

No Quadro 1, abaixo, de forma geral, demonstramos com base nas informações levantadas nas Fichas de Identificação (Anexos), as doenças e o que as rezadeiras e rezadores utilizam para curar as doenças quando assim são solicitadas.

Quadro 1: Informações sobre as práticas de cura dos rezadores, 2016/2017.

Rezador	Problemas de saúde	Com o que reza
Gedalva Lima dos Santos – Dona Gedalva	Olhado, espinhela caída, animais, hoje reza apenas em crianças.	Ramo verde, mão direita.
Maria Moreira dos Santos – Dona Maria	Dor de cabeça, olhado, de tudo.	Qualquer ramo verde.
Maria Clarice da Silva – Dona Bília	Olhado, sol e sereno, fogo selvagem, vento caído.	Ramo verde, terço, garrafa de água.
Jardelina Serafina da Silva – Dona Bília	Dor de dente, espinhela, olhado, engasgo, isipa, dor de mulher.	Pé ou facão, ramo verde, caneta.
Maria Cícera de Sales – Dona Cícera	Olhado, quebrante e vento caído, isipa.	Ramos (3 galhos) sem espinho e sem cheiro.
Aldarosa Flor de Lima – Dona Darosa	Olhado, atalhar sangue, dor de mulher, coisas perdidas, apagar fogo, animais.	Ramo verde
Elizeu Aquino dos Santos – Seu Elizeu	Dor nos rins, “de tudo”, dor de mulher.	Mão direita.
Benedita Ferreira Cavalcante – Dona Moça	Olhado, vento caído, dor de dente, enxaqueca, dor de mulher, rasto, peito aberto.	Qualquer mato, barbante bento (cordão de São Francisco)
Ivone gomes de Araújo- Dona Ivone	Olhado, quebrante, vento caído, dor de cabeça.	Ramo verde.
Dona Silvana	Quebrante, vento caído	Ramo verde.

A rezadeira de 83 anos, dona Moça, residente também no bairro Eldorado, que é mãe de santo de uma casa de Umbanda, afirma ter recebido esse dom com cerca de vinte anos de idade. A necessidade de curar os filhos a fez começar a rezar nos mesmos. Dona Moça afirma que hoje são os filhos que rezam nela e que eles aprenderam “de ouvido”.

O dom recebido pela rezadeira dona Moça pode ser discutido com base na afirmação de Mauss (2003) sobre as qualidades do mágico. Para o sociólogo francês “não é mágico quem quer: há qualidades que distinguem o mágico do comum dos homens. Umas são adquiridas, outras congênitas; Há algumas que lhe são atribuídas, outras que ele possui efetivamente”. As que começaram a rezar muito cedo, com a idade de dez anos, como as já citadas dona Bília e dona Darosa “são reconhecidas em toda parte como mais aptas à magia”, pois segundo Mauss, o fato de serem mulheres e de passarem por dificuldades em determinados períodos de suas vidas é que as fazem despertar para essa posição especial.

O livro **Doña Rosita Ascencio: curandeira purépecha**, do antropólogo Roberto Campos Navarro (2016), conta a história de vida desta curandeira. Dona Rosita, assim como dona Miúda, dona Darosa e as outras rezadeiras desta pesquisa, também aprenderam a rezar observando familiares ou acreditam que receberam um dom, pois, em alguns casos, aprenderam sozinhas, para assim tratar as enfermidades dos seus filhos pequenos. Para Navarro:

Esta tia era prima de mi mamá. Aunque a regañadas, por ella aprendí. No había remedio. No me dio chance de preguntarle algo. Me regañó, pero me dio valor. Me enseñó a curar el mal de ojo, la caída de mollera y también el empacho, nada más, de aire no me enseñó. Aprendí con el trabajo de lastimadora, poco a poco compre folletos o medicinas que tuvieran la receta [...] Hacía las dos cosas al mismo tiempo, curaba con la medicina tradicional y curaba con la medicina alópata. (NAVARRO, 2016: 50-51).⁹

É possível observar na discussão sobre características dos mágicos que nos casos das mulheres, para Marcel Mauss:

É precisamente no momento da puberdade, durante as regras, por ocasião da gestação e dos partos, depois da menopausa, que as virtudes mágicas das mulheres atingem sua maior intensidade. E, sobretudo, então, presume-se que elas fornecem à magia meios de ação ou agentes propriamente ditos (MAUSS, 2003, p. 65).

⁹ Esta tia era a prima da minha mãe. Por ela eu aprendi. Não houve reparos. Ela não me deu uma chance de lhe perguntar uma coisa. Ela me repreendeu, mas ela me deu coragem. Ela me ensinou a curar o mal-olhado, a moleira caída e também o “empacho”, nada mais, de ar não me ensinou. Eu aprendi com o trabalho de “lastimadora”, pouco a pouco comprei folhetos ou remédios que tinham a receita [...] eu fiz ambos ao mesmo tempo, curei com remédios tradicionais e curei com medicina alopática. (Tradução livre)

Durante os meses de trabalho de campo pude observar que a maioria predominante de portadores desse ofício é composta de mulheres. Na descrição das características encontradas tanto na pesquisa do sociólogo Marcel Mauss quanto na da antropóloga Elda Rizzo Oliveira (1985), a imagem da rezadeira é a de uma mulher “casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria”. Contudo, também são encontradas mulheres viúvas, outras na condição de mães solteiras. O que é comum é o contexto da necessidade que as fez aprender as rezas.

Outra observação, feita a partir dos dados levantados nas Fichas de Identificação é que todas as rezadeiras e o rezador, alcançados através desta pesquisa, não são delmirenses. Todos eles se mudaram para esta cidade, as razões alegadas pelos mesmos são o cuidado com a saúde e a melhoria nas condições econômicas. Dessa forma, esses “especialistas socialmente produzidos”, como afirma Oliveira (1985):

São profissionais que se deslocaram de uma sociedade rural para uma sociedade urbana, onde **recriaram** o seu trabalho com novos elementos, **reconstruíram** suas regras, seus ritos, empobrecendo-os, num certo sentido. Profissionais que criaram um amplo e complexo **sistema de prestação de serviços que oscila entre a religião e a profissão, partindo de uma dada visão de mundo que une os seus iguais** (1985, p. 69. Grifo nosso).

Dos dez rezadores, dois afirmaram rezar de dor de dente, dois de espinhela caída,¹⁰ os sete rezadores afirmaram rezar de olhado,¹¹ apenas cinco de dor de mulher,¹² todos os rezadores afirmaram rezar de quebrante¹³ e cinco de vento caído.¹⁴

Para algumas rezadeiras, como dona Cícera, 63 anos, residente no bairro Campo Grande, a reza para curar essas enfermidades é a mesma, ela se refere ao olhado, quebranto e vento caído:

De olhado e quebrante e vento caído *pronuncia o nome da criança*, com dois te botaram e com três eu te tiro. Com os poder de Deus e da Virgem Maria. Os olhos malvados, os olhos condenados. Vai-te pras ondas do mar sagrado! Vai-te pras ondas do mar sagrado! Se te botaram na boniteza, eu te tiro. Se te botaram na sabedoria, eu

¹⁰ Relacionada a dores causadas por esforço físico, trata-se de uma dor localizada na região do estômago. As rezadeiras usam um pano ou uma corda que amarram na cintura do paciente enquanto rezam.

¹¹ Causada pela inveja, desejo de possuir o que é do outro.

¹² Está relacionada a problemas do ciclo menstrual, miomas, e hemorragias.

¹³ Associa-se às mesmas causas do olhado. Geralmente é causado pelo resultado dos desejos maldosos de uma pessoa para com a outra.

¹⁴ Resulta de medos ou sustos causados a criança. Aqui, Delmiro Gouveia, é muito comum ser repreendido quando coloca a criança acima da altura da cabeça, que pode resultar em vento caído.

te tiro. Se te botaram nos olhos, eu te tiro. Se te botaram na comida, eu te tiro. Se te botaram nos coro, eu te tiro. Se te botaram nas gorduras, eu te tiro. Se te botaram nas carnes, eu te tiro. Se te botaram nas tripas, eu te tiro. Se te botaram nos fato, eu te tiro. Com os poder de Deus e da Virgem Maria. Os olhos malvados, os olhos condenados. Vai-te pras ondas do mar sagrado [...].

Com os dados levantados nas Fichas de Identificação foi verificado que a maioria das rezadeiras, assim como o rezador afirmaram não terem estudado e os que tiveram acesso à escola foram pouco alfabetizados, à exceção de dona Bilia, que já na fase adulta retornou aos estudos e que encontrei no dia da visita para uma primeira aproximação escrevendo algumas orações no caderno para a sua filha mais velha. Os demais se consideram pessoas de pouca leitura, como afirma seu Elizeu.

Considerações finais

Oriundos de fazendas e comunidades rurais do sertão alagoano, a inexistência de instituições educacionais somada a posturas rígidas dos pais que não permitiam, na maioria dos casos, que as filhas estudassem fora, contribuiu para que o saber escolar bancário adquirido na escola convencional fosse substituído pelo conhecimento prático da labuta diária com os animais de criação, com as crianças bem alimentadas e saudáveis no período de chuva, bem como com as enfermidades e a fome que acometia animais e pessoas nos grandes períodos de estiagem e recorrência aos santos de devoção, às procissões e festas de padroeiros que permanecem acontecendo até os dias atuais e que são lembradas com saudosismo por muitos que viveram esse período mais difícil, contudo, cheio de boas recordações.

O aprendizado que se deu através da observação, com o ouvir e, principalmente, com a necessidade de curar os filhos pequenos, entre outros, diante da distância dos serviços públicos de saúde e das vistas da hierarquia religiosa, reforça o caráter mágico-religioso por trás das práticas de rezadeiras e rezadores, pois, como afirma Montero (1990, p 15), “são fenômenos sociais que ressignificam a coletividade”. Foi através do ritual que presenciamos nas visitas para entrevistas e com a “demonstração” feita pela rezadeira Dona Cícera, do Bairro Campo Grande, que se revelou para nós essa prática ritualística como um fenômeno da sociedade que somado a um conhecimento ancestral permitiu que se disseminasse através dessas práticas ritualísticas e de cura.

Referências

- BATALHA, Luís. Emics/etics revisitado: “Nativo” e “antropólogo” lutam pela última palavra. **Etnográfica**, vol. II (2), 1998, p. 319-343. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_02/N2/Vol_ii_N2_06luisbatalha.pdf. Acessado em: 29 de Julho de 2017.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984.
- MALVEZZI, Roberto. **Semiárido**: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAYNARD, Dilton Candido Santos. **O senhor da Pedra**: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de História, 2008.
- MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. São Paulo: Ática, 1990.
- NAVARRO, Roberto Campos. **Doña Rosita Ascencio**: curandera puerépecha. México: Artes de México, 2016.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- _____. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- OLIVEIRA, J. E. S. de. **Rezadeiras de Itabaiana/ SE**: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Sergipe, 2014.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 2003.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil**. Edições do Senado Federal – volume 131. Brasília: Senado Federal, 2010.
- SILVA, Wellington A. MARQUES, Juracy. **Povoado Cruz – contribuições aos estudos dos Quilombos**. Revista Gestão Acadêmica. Nova Esperança, v.1, n.2, p.147-160, 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/noir75/povoado-cruz-contribui-es-aos-estudos-dos-quilombos> Acesso em: 10 de Maio de 2017.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
_____. **Floresta de Símbolos**: Aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005.
WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, LTC, 1982.

Recebido em 26/ 02/ 2019

Aprovado em 66/ 05/ 2019

Publicado em 30/08/ 2019

¹ Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos – NUPEAH/UFAL. E-mail: serg_santos49@ymail.com

² Agradecimento:

Agradeço ao professor Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL, pela leitura e correções.